



Renan Inquérito é um rapper que compõe as suas próprias músicas e gosta de misturar rap com educação; também é poeta, com três livros publicados, e geógrafo

# “O rap não tem idioma. Ele é uma só voz”

**Música** Rapper brasileiro Renan Inquérito está a trabalhar no doutoramento em Coimbra. E hoje também vai cantar

**Carina Fonseca**  
cultura@jn.pt

● Fala ao JN a propósito dos trabalhos que está a desenvolver, no âmbito do doutoramento em geografia, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (UC), mas, antes de ingressar na academia, Renan Inquérito já tinha uma carreira artística no Brasil. Integra há 18 anos o grupo de rap Inquérito, tem cinco discos e

três livros de poesia e mistura o rap com a educação, usando-o, por exemplo, para trabalhar com menores infratores. “Trabalho com a geografia humana, a geografia política, o que tem muito a ver com a sociologia”, diz.

O artista e geógrafo brasileiro tem aproveitado para conhecer rappers nacionais, e não só, com quem planeia gravar temas e dar concertos. Hoje podemos ouvi-lo na Casa da Lusofonia, na UC, às

18.30 horas, pois participa com o rapper angolano MCK no evento “O rap navegando entre as mentes – um oceano que liga Brasil e Angola”, com música a encerrar.

Renan e MCK “vão promover um debate sobre como” aquela forma lírica de expressar a poesia liga dois mundos distantes fisicamente, mas próximos historicamente”, segundo a nota de divulgação do evento.

“Trata-se de dois países que

passaram pelo mesmo eixo colonial e através da música buscam libertação”. De acesso livre, é organizado e mediado por Carlos Guerra Júnior, O Mossoró, rapper brasileiro e doutorando em Ciências da Comunicação na UC, cuja tese foca o rap como ativismo político no espaço lusófono.

## Linguagem universal

Conhecer “de perto a cena do rap no espaço lusófono” é um dos objetivos de Renan Inquérito, nestes quatro meses em Coimbra, a convite do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, e que agora é seu coordenador, com quem escreveu o guião de “Ópera rap global”.

Renan conta que no Brasil há “o péssimo hábito” de ouvir sobretudo rap norte-americano, em detrimento do rap lusófono ou dos países vizinhos da América do Sul. Mas lembra que “em qualquer lado o rap tem semelhanças”, porque é criado por uma população periférica, “que sofre algum tipo de opressão e preconceito”.

Renan não duvida: “O rap não tem passaporte, não tem idioma. Ele é uma só voz. Nós somos uma só voz, independentemente do país onde estivermos”. Portugal, Brasil e Angola possuem realidades diferentes, porém, “todos têm algo a reclamar”, observa. “E o rap é um ótimo canal para isso.” ●